



HOMENAGEM
TRIBUTE

A história da filosofia como arqueologia

Ernani Chaves 

Professor Titular de Filosofia, Universidade Federal do Pará
ernanic@ufpa.br

Roberto Machado tinha uma especial predileção pelo período arqueológico do pensamento de Foucault. O primeiro livro que ele leu de Foucault, *As palavras e as coisas*, o marcou profundamente, tal como ele mesmo narra em *Impressões de Michel Foucault*, de 2017. Um livro que ganhou de presente e de que leu, de início, apenas as páginas finais, o que o deixou bastante desconfiado. Ainda embebido de fenomenologia e do humanismo que lhe correspondia, Roberto não podia aceitar – porque não havia entendido, como ele mesmo diz – a “previsão” de que, tal como o “homem” apareceu no horizonte da episteme do século XIX como um duplo empírico-transcendental, em breve talvez pudesse também desaparecer “como, na orla do mar, um rosto de areia”.

Essa predileção se materializou em dois livros, que marcaram época na recepção brasileira de Foucault e que hoje podemos considerar “clássicos”: *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*, a tese de doutorado defendida em Louvain e publicada em 1982; e *Foucault, a filosofia e a literatura*, de 2000. Mesmo tendo Roberto testemunhado, como ouvinte do curso *Em defesa da sociedade*, proferido por Foucault no Collège de France, em 1975-1976, a passagem da arqueologia à genealogia; mesmo tendo participado do trabalho coletivo de que resultou *Danação da norma: a constituição histórica da medicina social e da psiquiatria no Brasil*, publicado em 1978; e, mais ainda, tendo, ele próprio, organizado a edição brasileira de *Microfísica do Poder*, de 1979, publicações que já

estavam em consonância com os pressupostos da genealogia, seus livros sobre Foucault permaneceram no universo da arqueologia. O que o atraía para a arqueologia? O que o fascinava nesses textos e livros de Foucault dos anos 1960? Sua resposta em *Impressões de Michel Foucault* mostra que, para além das questões teóricas e metodológicas, o que lhe interessava sobremaneira era o fato de que Foucault estava em constante deslocamento, que se desprendia com facilidade dos “objetos” que havia estudado, assim que um livro tivesse sido publicado. E esse deslocamento era, para ele, constante. Como ele mesmo demonstrou, assim como se poderia falar de uma “arqueologia da percepção”, “do olhar” e “das ciências humanas” nos livros arqueológicos, seria possível, igualmente, falar de uma “genealogia do poder” e “da subjetivação” (e não do “sujeito”) nos livros genealógicos. Entre esses momentos, seria possível até encontrar continuidades, mas Roberto sempre insistiu na dimensão do deslocamento. Considerava absolutamente “estranho” (foi essa a palavra que usou em uma conversa comigo, se a memória não me trai) que se falasse com tanta ênfase, entre nós, de uma “arqueogenealogia”. Para ele, Foucault era sempre uma cobra mudando de pele, lembrando de um aforismo de Nietzsche em *Aurora*.

Se eu fosse escrever algo como *Impressões de Roberto Machado*, diria que ele tomou para si essa dimensão do deslocamento que tanto admirava no trabalho de Foucault, o que implicava em insistir na renúncia ao que ele já havia feito antes. Assim, ele pode passar de Foucault a Nietzsche, depois a Deleuze, para logo em seguida radicalizar seu experimento filosófico ao não mais escrever um livro monográfico, mas sim temático, o monumental *O nascimento do trágico*, publicado em 2006. Esse deslocamento também aparece, certamente, quando lembramos que ele deixou um livro pronto para ser publicado sobre a filosofia em Proust. E que esperamos para lê-lo com ansiedade comparável a que acompanhou os leitores e estudiosos de Foucault à espera de *As confissões da carne*, o último volume da *História da sexualidade*.

Essa predileção pela arqueologia está em estreita ligação à recusa, à crítica de Roberto a essa espécie de método consagrado, em especial a partir da USP, que é o da leitura “estrutural” dos textos filosóficos, seguindo a tradição francesa de Victor

Goldschmidt e Martial Guérault. Não que Roberto, com isso, estivesse do outro lado da barricada, aderindo à leitura analítica, num acirrado combate para saber o que significava estudar filosofia, nem mesmo que estivesse do lado da leitura hermenêutica nos tons heideggerianos, para delimitar com clareza, principalmente, quem mereceria o título honroso e pomposo de “filósofo”. Foucault, Nietzsche, Deleuze não faziam parte do cânone e não atendiam às exigências da filosofia universitária brasileira, ciosa de igualar-se ao resto mundo ao adotar critérios de rigor inquestionáveis. Roberto lembra, com leveza e certa ironia, jamais com ressentimento, essa desqualificação. Aliás, uma desqualificação que ele próprio já tinha feito no seu período na universidade de Louvain, como ele mesmo conta, quando a filosofia francesa era igualmente considerada secundária, apenas uma cópia esmaecida da grande filosofia alemã. Desse modo, mesmo considerando que não se faz filosofia sem a história da filosofia, era necessário encontrar uma espécie de terceira via. Foi justamente esse o papel representado pela arqueologia, o de se constituir como uma alternativa aos três “métodos” acima mencionados. Nem “ordem das razões”, nem elucidação dos argumentos, muito menos hermenêutica textual.

Gostaria de assinalar a partir de agora duas perspectivas utilizadas por Roberto para escolher a arqueologia como esse “método de investigação”. Em primeiro lugar, lembro que, já em *Deleuze e a filosofia*, de 1990, na sexta seção do livro, Roberto procura diferenciar Deleuze e Foucault justamente pela maneira diferente com que encaravam a história da filosofia. *Grosso modo*, em Deleuze, a “colagem”; em Foucault, a “arqueologia”. O modelo de Deleuze vem das artes, o de Foucault da confrontação com a história epistemológica. “Personagem de uma encenação”, no teatro filosófico de Deleuze, a interpretação deleuziana confrontada com a interpretação de Roberto, ele próprio, o leva a concluir que o objetivo de Deleuze em fazer de Foucault um “neokantiano” é um equívoco. Ao contrário de Foucault e seu constante deslocamento em meio a pesquisas históricas, em Deleuze, segundo Roberto, haveria sempre uma “invariante”, uma “homologia estrutural” a unir seus estudos sobre Hume, Kant, Espinosa, Nietzsche e... Foucault. Assim, a maneira de Deleuze de fazer história da filosofia também não o satisfaz. Esse

distanciamento, a meu ver, diz respeito ainda ao fato de que, embora tenha privilegiado o confronto entre arqueologia e epistemologia, a partir de seu crescente interesse por Nietzsche, Roberto vai cada vez mais relacionar a arqueologia ao pensamento do “profeta sem morada”, para lembrar esse trecho da famosa canção de Caetano Veloso, artista brasileiro tão admirado por ele. E, se a publicação de *Nietzsche e a filosofia*, de Deleuze, em 1962, representou um marco na recepção de Nietzsche – entre outros motivos, por distanciar Nietzsche da interpretação de Heidegger, dominante na cena francesa do pós-guerra, e por colocar em relevância a relação entre a teoria das forças e da vontade de potência (para utilizarmos a tradução consagrada de *Wille zur Macht* para o francês) –, o Nietzsche de Foucault, na visão de Roberto, será cada vez mais o filósofo trágico (na arqueologia) e, posteriormente, o genealogista. Em *Foucault, a filosofia e a literatura*, por exemplo, logo na “Introdução”, Roberto faz uma distinção inteiramente nova e relevante para os seus propósitos: a de que a arqueologia comportaria dois níveis, um histórico e um filosófico. Neste último, a figura determinante é Nietzsche. Assim, livros como *O nascimento da tragédia* e *Para a genealogia da moral* seriam uma espécie de prefiguração de como se faz história da filosofia fazendo arqueologia, sempre tendo em conta o gesto anti-historicista de atenção ao presente.

Mas, até então, o próprio Roberto não tinha se ocupado extensamente em analisar um determinado período da história da filosofia. Seus livros permaneciam monográficos. *O nascimento do trágico* constitui, nessa perspectiva, um duplo deslocamento: de uma monografia para um livro temático, da análise de um filósofo para a consideração de vários, tendo em vista o objeto do livro. Desde o seu título, já alude à relação intrínseca que passou a estabelecer com Nietzsche e a dimensão filosófica da arqueologia de Foucault. De tal modo que, agora, ele podia exercitar com maestria uma história da filosofia, que vai desde a segunda metade do século XVIII até Nietzsche, mas sempre a retomando como um todo – a questão da catarse, por exemplo, o leva de volta a Aristóteles, ou a questão da modernidade até Descartes –, escapando da análise estrutural e da perspectiva analítica ou mesmo hermenêutica.

E isso Roberto diz explicitamente, já no primeiro parágrafo da “Introdução” do livro: sua abordagem histórico-filosófica, que ele poderia chamar de “arqueológica”, assinala sua dívida com Michel Foucault. Se lermos com atenção *O nascimento do trágico*, veremos que ele se orienta pela perspectiva arqueológica, seja pela presença da descontinuidade na análise, embora não seja uma descontinuidade total – apenas em *As palavras e as coisas* se trata de uma descontinuidade total –, mostrando os deslocamentos que a questão do trágico sofre, de Schiller a Nietzsche; seja por não situar o nascimento da modernidade filosófica em Descartes, como faz Heidegger, por exemplo, usando a periodização de Foucault ao denominar os séculos XVII e XVIII como período “clássico”. Assim sendo, também se utiliza de Foucault para marcar o nascimento da modernidade com a filosofia de Kant e dos pós-kantianos.

É justamente a escavação arqueológica empreendida por Roberto que vai lhe permitir se distanciar criticamente dos trabalhos de Peter Szondi, para quem a noção de trágico teria sido introduzida por Schelling. Roberto vai mostrar, com muitas justificativas, que já em Schiller podemos encontrar o momento da passagem de uma poética da tragédia, vigente desde Aristóteles, para uma filosofia do trágico. A arqueologia como perspectiva a ser adotada pela história da filosofia permitiria, então, que o trabalho historiográfico, sempre indispensável, pudesse descobrir outras vias de acesso a um tema, a um problema, que parecia já ter encontrado sua resposta definitiva.

Não tenho palavras para expressar o quanto devo, no meu próprio trabalho, a essa perspectiva que Roberto Machado nos ofereceu. Reticente a homenagens, ele rejeitou a ideia que tive, por ocasião dos seus 70 anos, de fazer um *Festschrift*, uma publicação comemorativa. Mas aceitou de bom grado o dossiê que organizei para a Revista Cult, por ocasião do lançamento de *Impressões de Michel Foucault*. Menos por ele e mais por Foucault. De todo modo, eu havia decidido que publicaria um *Festschrift* por ocasião dos seus 80 anos, à revelia de sua vontade. Que ele não possa ler estas mal traçadas linhas que acabo de escrever sobre seu trabalho e fazer reparos e críticas inunda meu coração de saudade e tristeza.